

ESTUDOS DE MÍDIA DO ESPORTE E A (RE)PRODUÇÃO DE IDENTIDADES*

Ph.D MARGARET MACNEILL

Faculty of Physical Education and Health,
University of Toronto

E-mail: margaret.macneill@utoronto.ca

RESUMO

A identidade é uma das noções mais discutidas em diversos campos acadêmicos, tais como: a teoria literária, a psicanálise, o pós-estruturalismo, o pós-modernismo, o pós-colonialismo, o feminismo, a teoria queer, os estudos culturais e os estudos críticos do esporte. Ironicamente, ao mesmo tempo em que a identidade é considerada por muitos um termo obsoleto, sous rature [sob rasura], ela continua sendo um tema relevante e um princípio organizador em ambientes esportivos. As respostas a questões de identidade vão desde lutas políticas fundamentadas nesse conceito a fim de corrigir desigualdades, como, por exemplo, as abordagens feministas dos estudos do esporte e da advocacia do esporte, até os desafios não-identitários colocados por críticos pós-modernos que condenam movimentos essencialistas que, por sua vez, baseando-se na identidade, reproduzem perniciosamente a desigualdade ao longo de diferentes eixos de poder. Em meio a esses desdobramentos paradoxais, surge, a partir dos anos de 1990, uma abordagem intermediária pós-colonial, pós-positivista realista (PPR), para resgatar interpretações de experiência, localização social, condições materiais, e a aplicação política que indivíduos e grupos conferem à identidade. Neste artigo, a abordagem PPR de Sayta Mohanty e Paula Moya é adaptada usando a noção de identificação, de Stuart Hall, e a de nação como "comunidade imaginada", de Benedict Anderson, para explorar etnograficamente um estudo de caso da mídia esportiva da negociação de identificações atléticas nacionais e raciais associadas a nadadores da Guiné Equatorial pela Canadian Broadcasting Corporation durante as Olimpíadas de Verão de 2000. Constata-se que as identificações são relacionais, contingentes, performativas e produtivas, e assim continuam a ter relevância política e impacto concreto sobre as pessoas nos locais de produção da mídia esportiva e de competição. Argumenta-se que as abordagens não-essencialistas aos estudos de identidade são teórica e politicamente importantes, mas necessitam aprofundamento.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; mídia; identidade.

* Este artigo é uma versão ampliada da conferência inaugural no Congresso Anual da Sociedade Norte-Americana de Sociologia do Esporte em 2004, em Tucson, Arizona e um estudo de caso sobre a programas de televisão da Olimpíada apresentado na Conferência Internacional de Estudos Olímpicos em London, ON (outubro 2002). A autora gostaria de agradecer ao *Social Sciences and Humanities Research Council of Canada* pelo financiamento do projeto *Competing Nationalisms* e a toda equipe de pesquisa, incluindo o Dr. Peter Donnelly do *Canadian Center for Sport Policy Studies* e Dr. Graham Knight da *McMaster University*.

A identidade não é tão transparente ou descomplicada quanto acreditamos que seja. Talvez, em lugar de pensarmos em identidade como fato consumado que as novas práticas culturais então representam, devêssemos pensar em identidade como uma “produção” que nunca está completa, está sempre em processo, e é sempre constituída dentro, e não fora da representação
Stuart Hall, 1990, p. 222

A noção de identidade é uma das noções mais discutidas em diversos campos acadêmicos, tais como: a teoria literária, a psicanálise, o pós-estruturalismo, o pós-modernismo, o pós-colonialismo, o feminismo, a teoria *queer*, os estudos culturais e os estudos críticos do esporte. Ironicamente, ao mesmo tempo em que a identidade é considerada por muitos um termo obsoleto, *sous rature* [sob rasura], o tema da identidade continua sendo relevante e funciona como um princípio organizador em ambientes esportivos. As respostas a questões de identidade vão desde lutas políticas fundamentadas na identidade a fim de corrigir desigualdades, como, por exemplo, as abordagens feministas dos estudos do esporte e da advocacia do esporte, até os desafios não-identitários colocados por críticos pós-modernos que condenam movimentos essencialistas que, baseando-se na identidade, reproduzem perniciosamente a desigualdade ao longo de diferentes eixos de poder. Foi primordialmente o pós-estruturalismo francês que mais contribuiu, nos últimos 25 anos, para que a identidade quase se tornasse teoricamente obsoleta (MOYA, 2001). Em meio a esses desdobramentos paradoxais, surge, a partir dos anos de 1990, uma abordagem intermediária pós-colonial, pós-positivista realista (PPR), para resgatar interpretações de experiência, localização social, condições materiais, e a aplicação política que indivíduos e grupos conferem à identidade¹. A vantagem da PPR, segundo Paula Moya, é que essa abordagem permite às grandes categorias sociais – raça, gênero, classe, orientação sexual, nacionalismo cultural, que se cruzam ao longo de eixos de poder – serem reconhecidas sem que os indivíduos sejam reduzidos àqueles determinantes sociais, a fim de fundamentar identidades de forma não-essencialista, e permitir que os atores sociais possam alegar “justificável conhecimento do mundo” (2000, p. 83) a seu redor.

As abordagens dos estudos de identidade não-essencialistas continuam sendo teórica e politicamente úteis, mas precisam desenvolver-se mais. Após examinar alguns dos principais debates sobre identidade, é apresentado um estudo de caso etnográfico da mídia esportiva. Para avaliar a possibilidade de um estudo crítico da

¹: Ver, por exemplo, Moya, Hames-Garcia (2000) e Mohanty (1997).

mídia esportiva fundamentado na PPR, este artigo investiga a construção de intersecções entre identificações atléticas nacionais, genérica e de raça, que foram campos de disputa nas zonas de produção de televisão e nos locais de competição nas Olimpíadas de Sydney, e se concretizaram nas representações raciais de nadadores da Guiné Equatorial e de suas experiências apresentadas pela mídia. A abordagem PPR de Moya (2000, 2001) é adaptada e integrada à abordagem crítica dos estudos culturais de Stuart Hall (1990, 1996a, 1996b, 1997) sobre identificação e representação, e à noção de nação como “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson (1983). Eu argumento que as identificações são relacionais, contingentes, performativas e produtivas, e continuam a ter relevância política e impacto real sobre as pessoas nos locais de produção da mídia esportiva e de competição.

DO EU AUTÔNOMO AO OUTRO OBSOLETO? DA IDENTIDADE À IDENTIFICAÇÃO

A tensão entre as interpretações essencialistas e não-essencialistas de identidade é um dos debates centrais nos diversos campos acadêmicos citados anteriormente. Essas tensões teóricas causaram mudanças em noções históricas de identidade, deixando de ser conceitualizada como “Eu autônomo” e passando a ser conceitualizada como noções do “Outro”. Interpretações essencialistas geralmente pressupõem que um grupo de características aistóricas, fixas e autênticas formam o Eu autônomo, enquanto interpretações não-essencialistas assumem uma abordagem social-construtivista que é historicamente contingente. O essencialismo, problematicamente, aponta um aspecto da identidade (como gênero) como sendo o determinante do significado da experiência e, assim, ignora matrizes de poder mais complicadas. Em seu livro sobre nacionalismo, Craig Calhoun define e critica o termo da seguinte maneira:

O “essencialismo” refere-se à redução da diversidade de determinada população a um único critério, que é tomado como sua “essência” definidora e seu caráter mais crucial. Isso, muitas vezes, vem associado à alegação de que a “essência” é inevitável e determinada pela natureza. É comum presumir que essas categorias culturais se refiram a grupos de pessoas que realmente existem e são claramente identificáveis. Mais surpreendente ainda, é que muita gente continua presumindo que é possível entender cada categoria – os alemães, por exemplo, ou as mulheres, os negros, ou os gays – tomando exclusivamente essa categoria como principal identificador, e não a forma em que ela coincide, contesta e/ou reforça outras categorias (CALHOUN, 1997, p. 18).

A noção de Outro tem sido adotada nas abordagens teóricas pós-estruturalistas e pós-coloniais, nos últimos anos, em oposição ao essencialismo. A alteridade,

originando-se da noção de “alternativa”, surgiu em resposta à necessidade de considerar a identidade do Outro como ser social diferente, em lugar de reproduzir um sujeito inferior colonizado. A alteridade, dentro do pensamento feminista e pós-colonial, surgiu para tratar do sujeito concreto como alguém que não seja o estrangeiro (segundo presume a noção cartesiana do Eu autônomo, de acordo com Edgar e Sedgwick 1999)², e para fazer uma crítica do Eu autônomo como pressuposto fundamental do pensamento político liberal³. Esses ataques à noção do Eu autônomo *estável* levaram à idéia do *self* [eu] como algo que é reproduzido de forma relacional⁴.

Mais recentemente, na teoria pós-colonial, a alteridade passou a descrever como as culturas imperiais⁵ construíram historicamente o sujeito colonial. A pesquisa pós-estruturalista conceitualizou a identidade como algo mais que simplesmente uma construção social: ela é como um *processo* relacional que depende de um Outro. Isso criou espaço teórico e político para que grupos subalternos e marginalizados desafiassem identidades e possivelmente transgredissem essas identidades produzidas dentro de relações de opressão. Ironicamente, o perigo é que noções mais radicais de alteridade podem ser utilizadas para reproduzir noções essencialistas binárias de eu-outro mais antigas. Críticas do sujeito/Outro colonial começam a surgir em nossa área (ver, por exemplo, o trabalho de ABDEL-SHEHID, 2005; BRUCE; HALLINAN, 2001; CARRINGTON, 2004)⁶.

2. No século XVII, René Descartes percebeu o *self* ou ego como o centro da consciência. O *self* [eu] existe como uma fonte autônoma de agência e significado (EDGAR; SEDGWICK, 1999, p. 184).

3. Desafios à noção do Eu autônomo surgiram no pensamento social ocidental no século XVIII. A *bundle theory of self*, de David Hume, conceitualizou a auto-identidade como uma gama mutável de “impressões sensoriais” que a pessoa adquiriria através da experiência. O Eu, portanto, oscila quando memórias antigas são lembradas e novas experiências são armazenadas (HUME, 1978). O sociólogo Emile Durkheim problematizou ainda mais o individualismo liberal do século XIX argumentando que o indivíduo é produto da sociedade e não o contrário (1984/1893).

4. Tradições interacionistas simbólicas também influenciaram o início do desenvolvimento de uma noção do Eu sendo produzido racionalmente dentro e através da internalização de pontos de vistas presumidos e mantidos por pessoas que o indivíduo encontra (ex.: ver o trabalho do sociólogo George Herbert Mead, 1934). Baseando-se nesses importantes *insights*, Erving Goffman e outros interacionistas simbólicos levaram adiante essa linha de teorização, observando como o significado do Eu continua a se desenvolver enquanto as pessoas interagem com mudanças (ERVING GOFFMAN, 1959).

5. Edward Said (1978) faz uma útil distinção entre colonialismo e imperialismo. O imperialismo descreve os saberes, as práticas e abordagens dominantes da metrópole, enquanto o descreve a colonização e o processo de incorporação que ocorre nas áreas dominadas.

6. Entretanto as construções sociais de dominante e subalterno são muitas vezes estudadas separadamente, ainda que as duas construções sejam mutuamente constitutivas (GROSSBERG, 1991). Este artigo almeja começar a preencher a lacuna dando voz a ambos.

Conceitos como raça ou classe empregados de forma determinista em abordagens essencialistas têm sido descartados pelos pós-estruturalistas como sendo perniciosamente fundantes, entretanto, isso pode ter levado os críticos a ignorar aspectos do Eu social que podem ser concretizados em relações e locais reais. Por exemplo, teóricas feministas pós-modernas como Judith Butler e Joan Scott alegam que o conceito de identidade exerce uma “violência silenciosa” ao excluir e obliterar grupos sociais marginalizados de várias comunidades (1992, p. xiv). Infelizmente, segundo argumentam Satya Mohanty (1997), Paula Moya (2000), e Linda Martín Alcoff (2000), essas críticas deslegitimizam *todos* os relatos de experiências, conhecimento fundamentado e localização social, apesar de a identidade continuar tendo efeitos concretos sobre conhecimento, relações e recursos, e apesar de a identidade continuar sendo um aspecto crucial para a organização política de muitos grupos historicamente marginalizados. Ampliando essa observação até a nossa área, as categorias de identidades baseadas em nacionalidade, gênero, capacidade, orientação sexual e idade *são* categorias usadas primordialmente pelos organizadores de grandes eventos esportivos internacionais e por todas as pessoas envolvidas no ativismo esportivo. Portanto, é indispensável que os estudiosos do esporte reconceitualizem uma abordagem não-essencialista de identidade, que levem em consideração as condições materiais, a localização social, os aspectos cognitivos e experienciais da identificação, e que não descartem a identidade. A identidade afeta a agência, a corporificação e as relações sociais. Em termos gerais, a relevância política de identidades reais, argumenta Moya, é superestimada pelas abordagens essencialistas e subestimada pelas abordagens pós-modernistas (2001, p. 5). Da mesma forma, Mohanty lembra-nos que as complexidades políticas e epistêmicas das identidades sociais e culturais são reais, mas elas são ignoradas pelo ceticismo da abordagem pós-modernista e pelo essencialismo das políticas de identidade (2000, p. 43).

Identidade não é um termo obsoleto, mas ele precisa ser re teorizado. Ao se problematizar o conceito de identidade, deve-se considerá-lo um processo, conforme sugere a citação inicial deste artigo. Os estudos culturais críticos de mídia esportiva estariam melhores servidos se prestassem atenção à identificação. A apropriação, por Stuart Hall (1996a), da *identificação* de Foucault ajuda a mostrar uma saída para a tensão binária entre as noções do Eu essencialista e do Outro construído na teoria. A identidade, para Hall, é a intersecção temporária dos discursos e das práticas que nos posicionam como sujeito de um discurso (HALL, 1996a, p. 6). Stuart Hall argumenta que

É exatamente pelo fato de que as identidades são construídas dentro, e não fora, do discurso, que precisamos entendê-las como produzidas em locais históricos e institucio-

nais específicos dentro de formações discursivas e práticas específicas, através de estratégias enunciativas específicas. Além disso, elas surgem do jogo de estratégias enunciativas específicas. Elas surgem do jogo de modalidades específicas de poder e, portanto, são antes produto da marcação de diferença e exclusão, do que sinal de uma unidade idêntica, naturalmente constituída – uma “identidade” em seu significado tradicional (ou seja, uma uniformidade amplamente abrangente, sem emendas, sem diferenciação interna). Acima de tudo [...] as identidades são construídas através da diferença, e não fora dela (HALL, 1996a, p. 4).

A noção de identificação de Foucault (1970) sugere uma tentativa de compreender a *prática* discursiva e não uma tentativa de conhecer o *sujeito* enfocado, de tentar compreender o “processo de subjetificação a práticas discursivas e à política de exclusão que esta subjetificação parece envolver” (HALL, 1996b, p. 2). A identificação, elabora Hall, é uma construção contingente, uma sutura, uma articulação, um “‘jogo’ da *différance*”⁷, e uma negociação de fronteiras simbólicas. A identificação requer o reconhecimento de características compartilhadas. Assim, mais que um sentimento conclusivo que poderia ser presumido com a identidade, a *identificação* é estratégica e posicional: como a hegemonia, ela nunca é totalmente conquistada e está sempre *em processo*. Esta abordagem intermediária utiliza tanto tradições psicanalíticas quanto discursivas (HALL, 1996b, p. 2-3) e mescla-se com o teor da abordagem PPR emergente⁸.

Em resposta às deficiências das abordagens essencialistas e pós-estruturalistas de identidade, a abordagem pós-positivista dos estudos de identificação exige que a localização social seja considerada, e que as conseqüências epistêmicas, sociais e político-econômicas da localização social sejam investigadas (MOHANTY, 1997; MOYA, 2000). Além disso, a realidade das dimensões sociais daquela localização – como raça, classe, gênero e sexualidade – deve ser considerada porque ela tem efeitos concretos que, muitas vezes, são sistemáticos. Baseando-se, em grande medida, no trabalho de Satya Mohanty (1997) e Paula Moya (2000), esta alega que as identidades não são fixas nem acidentais; as identidades são fundamentadas histórica – e relacionalmente nas dimensões sociais que organizam as localizações sociais (MOYA,

7. Ao criticar a tradição da lingüística estrutural de Ferdinand de Saussure, Jacques Derrida (1981) cunhou o termo “*différance*” para descentrar os sistemas hierarquicamente arranjados de diferenças binárias na língua (como homem/mulher, branco/negro, natureza/cultura). Ele combina um senso da diferença e de adiamento e envolve um permanente sentido de construção

8. Ainda que proponentes-chave como Moya (2000), Mohanty (1997) e Alcoff (2000) continuem empregando o termo mais restrito de identidade.

2000, p. 87)⁹. Antes de apresentar o estudo de caso da Olimpíada, este artigo explora uma visão geral do esporte, de identidades nacionais e o valor da abordagem de nação, de Benedict Anderson (1983), como “comunidade imaginária”.

IMAGINANDO COMUNIDADES E IDENTIDADES NACIONAIS

Esportes de alto desempenho e megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos sempre foram usados pelo setor governamental, pelo setor privado e pela mídia como veículos de produção e consolidação de determinadas visões de identificações políticas. Um país pode marcar claramente o seu lugar de Estado-Nação no mundo e celebrar sua singularidade na cobertura midiática dos grandes eventos esportivos (BERNSTEIN, 2000; MACNEILL, 1996; ROWE; MCKAY; MILLER, 1998; STEENVELD; STRELITZ, 1998; SILK, 2001; TOMLINSON, 1996). A identidade nacional é um discurso dominante na cobertura da mídia porque a entrada nos Jogos é organizada essencialmente pelo Estado-Nação e porque os eventos esportivos internacionais são freqüentemente utilizados por grupos nacionais de telecomunicações para angariar audiências maiores para toda a rede: as dimensões culturais, políticas e econômicas estão realmente interligadas.

Governos nacionais como o do Canadá utilizam o esporte e a transmissão de esportes pelos meios públicos de comunicação como veículos de construção da nação para o Estado (MACINTOSH; BEDECKI; FRANKS, 1987; MACNEILL, 1996; ROWE 1999). Como Rowe corretamente afirma,

Em países divididos em classes, gêneros, etnias, regiões e outras formas de identificação há poucas oportunidades para os cidadãos da nação desenvolverem um sentimento forte de “consciência coletiva”, de ser “um povo”. Uma exceção significativa é a guerra, da qual,

⁹. Moya desenvolveu uma teoria realista pós-positivista de identidade, baseada, em grande parte, no trabalho de Satya Mohanty (1997), para fornecer as alegações aqui resumidas: (1) diferentes categorias sociais (como gênero, raça, classe e identidade sexual) que juntas constituem a localização social do indivíduo, têm uma relação causal com as experiências que o indivíduo virá a ter; (2) as experiências do indivíduo terão influência, mas não determinarão inteiramente, a formação de sua identidade cultural; (3) há um componente cognitivo na identidade que permite a possibilidade de erro e de acuidade na interpretação das coisas que acontecem com o indivíduo; (4) algumas identidades, por elas serem capazes de dar conta mais adequadamente das categorias sociais que constituem a localização social do indivíduo, têm maior valor epistêmico que outras que o mesmo indivíduo assume; (5) a capacidade de entender aspectos fundamentais de seu mundo, dependerá da capacidade de reconhecer e entender as conseqüências sociais, políticas, econômicas e epistêmicas de seu lugar social; e (6) os embates são fundamentais para a capacidade de entender o mundo com mais acuidade (MOYA, 2000, p. 81-87).

conforme se afirma freqüentemente, o esporte é um substituto... Não apenas a ligação entre esporte e cultura nacional tornou-se mais íntima em muitos países e espalhou-se para outros, como também as possibilidades de expor todos os cidadãos do mundo a tais "representações simbólicas" de progresso nacional e de competição internacional aumentaram com as instituições do esporte e da mídia (ROWE, 1999, p. 22-23).

Conforme afirma Rowe, como as economias esportivas transnacionais estão se expandindo pelo mundo (como empresas norte-americanas, como a Nike ou Speedo) as diferenças nacionais, ironicamente, tornam-se mais importantes (COLE; ANDREWS, 2001; ROWE, 2003; SILK, 2001; SILK; ANDREWS; COLE, 2005). Em meio às transformações na função dos Estados-Nação na era da globalização, o esporte permanece como uma das forças culturais mais "semioticamente potentes" do nacionalismo (ROWE; MCKAY; MILLER, 1998, p. 133). Além disso, enquanto as empresas multinacionais buscam expandir a circulação e as vendas de seus produtos para além das fronteiras nacionais, os avanços globais são suavizados com a incorporação de diferenças locais (SILK; ANDREWS; COLE, 2005).

Vários pesquisadores olímpicos têm observado a importância político-econômica das Olimpíadas para a identidade nacional e ampliado a nossa compreensão de como as nações fazem uso do esporte (ver, por exemplo, GRUNEAU, 1984; KIDD, 1996; MACINTOSH; BEDECKI; FRANKS, 1984; MACINTOSH; WHITSON, 1990; ROWE, 1999). À exceção da pesquisa de Miguel de Moragas, Nancy Rivenburgh e James Larson (1995), examinando a representação de distintas identidades culturais e políticas nas transmissões da cerimônia de abertura das Olimpíadas de 1992 em Barcelona, e do trabalho etnográfico de Michael Silk (2001), as nuances do regionalismo ou outras formas de identificações subnacionais em estudos de mídia sobre as Olimpíadas e os Jogos do Commonwealth raramente foram exploradas *in situ*. Além disso, uma falta óbvia na pesquisa internacional em comunicações é a falta de atenção à forma na qual as construções racializadas são produzidas, negociadas e resistidas em locais de competições internacionais¹⁰. A pesquisa em mídia esportiva tende a basear-se, em grande parte, na análise textual de códigos de mídia para examinar identidade. Interpretações textuais não são capazes de dar conta das disputas discursivas sobre identificação que se dão entre trabalhadores da mídia, organizadores esportivos, patrocinadores e atletas nos locais dos eventos, nem dos esforços do público para produzir sentido em locais de consumo. A análise textual da identifica-

¹⁰ Para encontrar exemplos de pesquisa sobre construções racializadas de atletas e/ou nacionalismo esportivos, ver Abdel-Shehid (2005), Carrington (2003), e os artigos na coleção publicada por David L. Andrews e Steven J. Jackson (2001).

ção é, na melhor das hipóteses, uma leitura especulativa e, na pior, um veículo que reforça relações de poder opressivas.

A etnografia é um método de examinar uma rica gama de identificações e seu relativo *status* epistemológico em determinada conjuntura histórica. O grupo particular de identidades criado por relações e apresentações da mídia, patrocinadores, organizações esportivas e atletas – os atores-chave no nexo mídia/esportes – é provisório e parcialmente representativo da nação. A abordagem de nação de Benedict Anderson (1983), como comunidade imaginada, integra-se nesta abordagem realista pós-positivista para estudar etnograficamente de que forma a *Canadian Broadcasting Corporation* (CBC – Rede Canadense de Telecomunicações) entrelaçou raça, gênero e nacionalidade na cobertura dos nadadores da Guiné Equatorial (GEQ) a fim de recuperar noções de excelência atlética, feitos técnicos e orgulho nacional em função do fraco desempenho da equipe do Canadá.

O importante livro de Anderson, *Imagined Communities: reflections on the origin and spread of nationalism* – [Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo], de 1983, desloca os debates sobre nacionalismo para uma preocupação com a transformação cultural (ÖZKIRIMLI, 2000) e oferece importantes *insights* para a nossa área. A singular abordagem de Anderson postula que nacionalidade e nacionalismo são formas específicas de artefatos culturais, cujos significados mudam ao longo do tempo e podem impor legitimidade emocional. O desafio para Anderson – que enfrento aqui usando o esporte como local para contestar identificações nacionais e outras formas de identificações cruzadas –, é demonstrar como e por que determinados artefatos culturais produzem um envolvimento emocional tão profundo (ÖZKIRIMLI, 2000, p. 144). Anderson, opondo-se a teóricos da globalização que sugerem que “a era do nacionalismo chegou ao fim”, argumenta que “*nation-ness* [nacionalidade – o sentimento de nação] é o valor mais universalmente legítimo da vida política do nosso tempo” (1991, p. 3).

Ao passo que os Estados-Nação têm distintas fronteiras geográficas e políticas, segundo Anderson, todas as versões de nacionalidade são representações sociohistóricas. Assim, o sentimento de nacionalidade do indivíduo é imaginado de forma abstrata, mas fomentado através de formas culturais concretas como o esporte. Ele enfatiza que “imaginar” comunidades não implica “falsidade”. Com um “espírito antropológico”, Anderson propõe que as nações são imaginadas de diversas maneiras, incluindo representações de: (1) comunhão com outros membros da nação, muitos dos quais não se conhecem uns aos outros, (2) fronteiras finitas separando a nação de outras nações, (3) soberania em lugar de um reino estabelecido por Deus, e (4) uma “profunda camaradagem horizontal” apesar da desigual-

dade real existente dentro da nação (1991, p. 6-7). As comunidades, ele conclui, deveriam ser distinguidas pelo *estilo* em que são imaginadas (1991, p. 6).

A teoria de Anderson tem duplo valor: ajuda a destacar a produção histórica da identificação nacional e aponta para questões sobre a política da significação de identidades. Entretanto, Anderson (e nossa equipe de pesquisadores não previram até que ponto empresas multinacionais como a Speedo, no estudo de caso a seguir, seriam “momentaneamente capazes”, usando uma expressão de Silk, Andrews e Cole, 2005) de “orquestrar simbolicamente” as culturas nacionais de quase todas as nações competindo nos eventos de natação da Olimpíada de 2000¹¹. A abordagem de Anderson também ignora os oprimidos e aqueles que usam atividades culturais como o esporte para subverter as noções oficiais de nação (como quando o caiaquista da equipe do Canadá, Alwyn Morris, ergueu uma pena de águia no pódio das Olimpíadas de 1984, celebrando o seu pertencimento à Nação Mohawk). A teoria de nação de Anderson precisa ser ampliada para incluir as experiências vividas – experiências políticas, culturais, criativas e corporativas, que estão inexoravelmente ligadas a determinadas identidades construídas e a redes desiguais de poder.

A abordagem de Anderson também precisa ser adaptada para incluir a generificação e a racialização de identificações. As identificações híbridas de pessoas de ascendência mista, provenientes de migrações para novas regiões, imigração e exílio, receberam atenção da teoria pós-colonial. O hibridismo oferece um novo ponto de partida para os estudos esportivos sobre identidade. Os trabalhos de Paul Gilroy (1993) e Homi Bhabha (1994) apontam para as possibilidades contraditórias das identidades híbridas. As identidades híbridas da maioria dos atletas que apareceram na mídia canadense raramente ficaram claras na cobertura, que tendeu a se

¹¹ O maiô Fastskin da Speedo cobriu os corpos de quase todos os nadadores nos Jogos Olímpicos. Eles tinham cores diferentes, de acordo com cada equipe (a equipe do Canadá escolheu o preto para os nadadores parecerem tubarões ameaçadores na piscina, mas usaram detalhes vermelhos para simbolizar o Canadá). Esses maiôs também envolviam o corpo inteiro da grande maioria dos atletas. Nas Olimpíadas de 2000, pela primeira vez na história recente, a natação deixou de ser um evento de *skins* [pele] como a mídia se referia a esportes como a ginástica feminina e alguns eventos do atletismo onde os atletas exibem pernas e braços nus. Isso diminuiu a superfície do corpo disponível para ser marcada por gênero e raça e símbolos nacionalistas, e aumentou a superfície disponível para anúncios comerciais. A folha de plátano vermelha tatuada no peito de todos os nadadores homens ou no tornozelo das nadadoras do time do Canadá foi coberta pelos maiôs e os corpos foram literalmente remarcados com o logotipo da Speedo. O Speedo Fastskin foi oferecido a todos os países, com a exceção de países como a Guiné Equatorial que participavam do programa de desenvolvimento olímpico, e foi recusado por alguns atletas, como o nadador australiano Ian Thorpe, que tinha um contrato de patrocínio com a Adidas. Enquanto empresa multinacional, a Speedo teve, de fato, grande sucessoorquestrando simbolicamente as culturas nacionais no território olímpico.

concentrar no desempenho dos esportistas na Olimpíada de 2000. Assim, considerações sobre hibridismo exigem que os pesquisadores etnográficos não questionem e procurem visões dominantes, mas também que investiguem múltiplas identificações cruzadas: isso abre espaço para considerar as identificações mutáveis, sincréticas, diaspóricas e contraditórias de atletas marginalizados.

O estudo de caso a seguir examina um embate nos locais da mídia olímpica e nos locais de competição nas Olimpíadas de Verão de 2000 em Sydney, onde identificações de nacionalidade, raça, gênero e de capacidade atlética aquática foram negociadas entre atletas, patrocinadores e a mídia.

REIFICANDO "O OUTRO": AS RELAÇÕES DA MÍDIA OLÍMPICA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPORTISMO NACIONAL

Definir é, em última análise, confinar.

Bray, 1996, p. 459

Enquanto a identificação nacional é muitas vezes mitologizada em torno de vitórias esportivas de determinadas equipes e/ou atletas, tal como a mídia esportiva fez com o gol da vitória marcado por Paul Henderson para a equipe canadense no torneio de hóquei no gelo entre o Canadá e a Rússia, raros são os episódios na história esportiva os quais desempenhos fracassados de atletas novatos levam esses atletas a serem aclamados como anti-heróis e representantes de estereótipos nacionais. Um exemplo disso é o saltador de esqui, apelidado de "Eddie, o-águia" pela mídia nas Olimpíadas de Inverno de Calgary, que passou a personificar a bravura da classe trabalhadora britânica, dando saltos perigosos, praticamente sem preparação. Os nadadores Eric Moussambani e Paula Barila Bolapa, da Guiné Equatorial, são exemplos mais recentes de atletas que incorporaram encarnações contraditórias do "espírito" das Olimpíadas de Verão de 2000 e de mitos racistas a respeito da falta de capacidade atlética dos negros em esportes aquáticos.

Este estudo de caso examina o empenho da *CBC* e da mídia impressa ocidental em representar identificações atléticas e nacionais na cobertura dos nadadores da Guiné Equatorial nas Olimpíadas de Verão de Sydney em 2000. A análise demonstra como a produção visual e os comentários da mídia canadense foram especificamente realizados de acordo com o molde generalizado e racializado daquilo que merece ser notícia, e não de acordo com o desempenho atlético ou os códigos de glória empregados quando fazem a cobertura de nações ocidentais como o Canadá, a Austrália e os Estados Unidos. Uma metodologia tripartite foi empregada para explorar esses temas. Os métodos incluem: (a) *observação etnográfica*

dos locais de competição, locais de produção de TV da equipe da *CBC* fazendo a cobertura da natação, e reda es da m dia impressa em Sydney, Austrália; (b) *entrevistas com atletas*, jornalistas e equipes de televisão da *CBC* durante e após a Olimpíada; (c) *análise textual* dos programas canadenses e da cobertura mais ampla das Olimpíadas de Sydney pela m dia impressa do Ocidente.

As representa es realizadas pela média, do fracasso na piscina de atletas de na es subalternas competindo na Olimpíada de 2000, como no caso dos atletas da Guiné Equatorial citados aqui, tenderam a racializar identidades nacionais e habilidade em nata o de forma diferente daquela usada quando a m dia produz representa es de atletas de na es ocidentais com alto desempenho. Tanto Eric Moussambani quanto Paula Barila Bolopa, da África Ocidental, eram nadadores iniciantes. Eles se classificaram para a Olimpíada dentro de um programa de desenvolvimento do Comitê Olímpico Internacional (COI) criado para atrair mais atletas de países que normalmente não mandam equipes nacionais para as Olimpíadas. O programa foi financiado pelo Solidariedade Olímpica, que recebe uma porcentagem do lucro do COI com programas de m dia, patrocínios e *merchandising*. Os atletas convidados através desse programa de desenvolvimento olímpico não precisam atingir os índices estabelecidos pela Federa o Internacional de Nata o, a FINA. Na época das Olimpíadas de 2000, Moussambani e Bolopa eram cidadãos de uma na o com uma federa o de nata o recém formada em sua cidade natal, Malabo, capital da Guiné Equatorial. Seu país não tinha um programa nacional de nata o, nem uma piscina olímpica de 50m para treinamento. Moussambani, um estudante, aprendeu a nadar na piscina de 20m de um hotel em Malabo, enquanto os hóspedes não a estavam usando, e Bolopa, uma funcionária de caixa de supermercado, aprendeu a nadar num rio da região.

Na manhã do dia 19 de setembro de 2000, a m dia canadense e várias outras empresas da média internacional no Centro Internacional de Comunica es, no Centro de Imprensa e no local das competi es de nata o, souberam de um insólito acontecimento esportivo – uma prova de nata o com apenas um competidor. Quando os nadadores canadenses deixaram de conquistar as medalhas esperadas durante a primeira semana da Olimpíada, a equipe de TV da *CBC* e a m dia impressa do Canadá começaram a procurar outras histórias de interesse humano na piscina. Eric Moussambani, da Guiné Equatorial, tornou-se uma manchete inusitada. Moussambani nadaria contra o relógio porque Karim Bare, da Nigéria, e Farkhod Oripov, do Tadjiquistão, se adiantaram na largada e foram desclassificados. O evento transformou-se em história de interesse humano no mundo inteiro depois que o nadador recebeu o apoio entusiasmado da torcida de 17 mil espectadores na piscina, quando ele aparentemente lutava para completar os últimos metros da prova

de 100m. O aplauso geral para um atleta na piscina, que foi uma celebração coletiva, em contraste com a habitual rivalidade e as palavras de ordem de torcidas e equipes de diferentes países que normalmente lotavam o local, demonstrou a possibilidade daquilo que Ben Carrington (2004) denominou de "olimpismo cosmopolita". Usando essa expressão, Carrington fala daqueles momentos de transcendência da nacionalidade e dos atributos raciais, que desenvolvem imaginações alternativas, incluindo a "alteridade do outro"¹². Apesar da prova "solo", sem oponentes, ser uma história que vale noticiar por sua raridade histórica e por demonstrar um mitologizado "espírito olímpico" de participação, a chance de expandir aquele momento de humanismo cosmopolita perdeu-se porque a mídia logo transformou o episódio em distração humorística. Os jornalistas esportivos canadenses estavam entediados e envergonhados pelo fraco desempenho da equipe canadense. O nadador sem concorrente logo passou a ser a história de um "atribulado atleta olímpico" africano, uma história que foi relatada nos bastidores da *CBC* e nas reportagens da mídia impressa do ocidente. O estereótipo racial de que "negros não sabem nadar" misturou-se com a nacionalidade equato-guineana e essa estratégia enunciativa de recorrer a mitos esportivos ajudou a equipe da TV canadense a recolocar a equipe canadense, que apresentava um desempenho fraco, entre os países de "classe internacional" em suas representações.

Os seguintes *insights* etnográficos demonstram o empenho dos membros da equipe de TV da *CBC* em representar os até então desconhecidos atletas da Guiné Equatorial dentro de uma cultura midiática que celebra o alto desempenho como valor esportivo. Enquanto a equipe de produção dos programas de natação da *CBC* esperava até que o próximo nadador canadense nadasse nas eliminatórias da prova de 100 metros livres, eles ensaiavam a narração e editavam um clipe em desenho animado de um "professor de natação" em diversas locações. A equipe estava distribuída entre a suíte de produção "Azul" no Centro Internacional de Comunicações (onde a pesquisadora estava), a suíte de produção da *CBC News World*, na "*Mix Zone*" [zona mista] em volta da piscina, e no local onde ficavam os comentaristas nas arquibancadas da piscina. O personagem do nadador no desenho que eles estavam criando se chamava "Gumby", um cybernadador que iria ser usado posteriormente pelo comentarista especialista em natação (um treinador de nível nacional) para demonstrar a "técnica biomecânica correta ao público canadense" (Comentarista de Natação, 19 de setembro de 2000). O editor-chefe da *CBC* interrompeu o trabalho de edição para solicitar ao produtor da natação a fita da

¹² Carrington cita o trabalho de Ulrich Beck sobre o cosmopolitismo (2002, p. 18).

eliminatória solo do nadador africano. Esse evento inusitado recebeu espaço no noticiário da *CBC Sports* (um departamento do principal canal da *CBC*) e na *CBC News World* (canal de notícias 24 horas) porque jamais havia ocorrido nos Jogos Olímpicos uma prova com apenas um concorrente. A notícia tinha um “alto coeficiente de bizarrice” de acordo com o editor de videotape (VT) da equipe de cobertura da nataçao da *CBC* (19 de setembro de 2000).

Depois da prova, para que fizesse sentido noticiar Eric Moussambani nadando sozinho na piscina, os códigos utilizados pela equipe para definir o que merece ser notícia passaram, em menos de dois minutos, de um código de estranheza, para o testemunho de uma tragédia em potencial, para uma distração humorística durante a prova, para uma história na linha “espírito olímpico” (19 de setembro de 2000, Centro Internacional de Comunicações):

- Editor-chefe (via intercom): Vocês estão vendo isso? Um cara vai nadar sozinho.
- Editor de VT: Que estranho. Por que não deixam ele nadar em outra série? Todas as raias estão ocupadas?
- Comentarista lance-a-lance da nataçao (via intercom): De onde é o cara?
- Editor de VT: Não pode ser um competidor sério.
- Assistente de produção: Parece uma lesminha na água. Nada, lesminha, nada.
- Comentarista lance-a-lance da nataçao (via intercom): O cara não vai conseguir terminar a prova. Não tô brincando.
- Assistente de produção: Como é que esse cara pode estar nas Olimpíadas? Nada, rapaz, nada.

O monitor de televisão no estúdio transmite a ovação da torcida quando o nadador termina sua prova solitário. A equipe ri e une-se ao público da piscina na festa mediada. Eles parabenizam o nadador a distância e parabenizam a si próprios pelo furo jornalístico.

- Editor de VT: Qual foi o tempo dele? Duas vezes o recorde mundial?
- Comentarista lance-a-lance da nataçao (via intercom): É esse o recorde a ser batido. (risos da equipe) [...] um minuto e 52 segundos.
- Especialista em nataçao (via intercom): Parece que esse cara não sabe nadar. Ele deveria ver a nossa fita do Gumby.

- Comentarista lance-a-lance da natação (via intercom): Eu não apostaria as minhas fichas nesse cara.
- Eric Moussambani: (para o tradutor e os repórteres na zona mista no *deck* da piscina). Eu gostaria de mandar um grande abraço à torcida por ter me ajudado a terminar a prova (19 de setembro de 2000, Centro Internacional de Comunicações).

A resposta emocional imediata, de alívio exausto e orgulho, de Moussambani prontamente se transformou em confusão quando os repórteres começaram a fazer perguntas e inventar histórias que eram diferentes de sua matriz-chave de identificação naquele momento. Quando ele saiu da piscina, sentiu-se, acima de tudo, como um nadador olímpico da Guiné Equatorial e o herói de um público mundial representado pelos espectadores olímpicos de diversos países a sua volta na piscina. Moussambani jamais havia nadado uma prova de mais de 50 metros, portanto, nadar uma prova de 100 metros nas Olimpíadas foi uma imensa conquista pessoal e símbolo da entrada de seu país no palco mundial. Mas Moussambani representava o contrário dos valores de desempenho de elite que a equipe da *CBC* se empenhava em transmitir através das explicações técnicas no vídeo de instruções Gumby. Depois de lidar com atletas da equipe canadense, chamados pelos repórteres de “garotas-propaganda” (atletas patrocinados) e “piratas” (atletas arrogantes prometendo desempenhos vitoriosos que não tinham condições de concretizar), os repórteres usaram Moussambani como um bem-vindo alívio do “circo olímpico” (comentarista lance-a-lance da *CBC*, 20 de setembro de 2000) e, mais tarde, como o “espírito olímpico” pela equipe da central de produção que costumava todos os esportes no programa de transmissão nacional¹³. Mas no nível imediato, a cansada e entediada equipe de cobertura de natação, sediada no Centro de Comunicações, divertiu-se com o intervalo humorístico da “fita da Lesminha”, e com a constante atenção que a suíte de produção “Azul” passou a receber de outros jornalistas da *CBC* que cobriam outros esportes em suítes de produção próximas. Durante o resto da semana, vários colegas de outras equipes jornalísticas visitaram a suíte de produção “Azul” querendo ver a fita, ler a cobertura que os jornais deram ao evento afixada nas paredes e conversar sobre o episódio.

Estereótipos não são apenas rótulos ou mitos sobregeneralizados a respeito de grupos de pessoas. Estereótipos como “negros não sabem nadar” servem para

¹³ Ver a coleção editada por Bale e Cristensen sobre o pós-olimpismo para uma crítica do Olimpismo (2004).

classificar atletas de formas que simplificam uma diversidade de valores, comportamentos, características e histórias. Os estereótipos não são apenas representações simplistas de relações de poder desiguais, eles são elementos constitutivos e constituintes de relações de poder que afetam a identidade, de acordo com Stuart Hall (1997). O estereótipo racista reproduzido em torno dos dois nadadores da Guiné Equatorial em Sydney ocorreu, em parte, através da reificação. A reificação é o processo e o produto de transformar uma pessoa numa coisa. Ela envolve um fetichismo ideológico estereotipado que desumaniza os atores sociais. É uma forma de alienação a qual a construção da identidade é interrompida e dá lugar a uma sensação de enclausuramento quando seres humanos são impedidos de ter um desenvolvimento e interações sociais que façam sentido (BRAY, 1996, p. 459). Moussambani foi reificado como “enguia” e “lesma”. A assistente de produção da *CBC* insistiu que o apelido “Lesminha” era um “apelido carinhoso” (20 de setembro de 2000). No entanto, “lesminha” reproduz o mito da falta de capacidade atlética dos negros nos esportes aquáticos e o rótulo de “enguia” usado pela mídia impressa e por jornalistas nos bastidores também é a reificação condescendente de um atleta que se debatia ao invés de deslizar na água, conforme sugere a analogia de uma enguia.

Para a equipe de TV, a “heróica” prova de natação solo de Moussambani transformou o sentimento de tédio em constrangimento, em medo, em concretização do espírito olímpico e da bravura. A mídia impressa do Canadá também contradisse seus códigos habituais de comentários sobre os esportes de elite ao mesclar humor e heroísmo. A prova solo de Moussambani foi descrita no *National Post* como o “equivalente esportivo de estar nu em público, levar uma torta na cara ou cantar o hino nacional desafinado – e ainda assim ser adorado pelo público. A sua bravura é o seu encanto. Acham-no heróico só por tentar [...] Parecia uma sessão de aprenda-a-nadar” (YOUNG, 21 de setembro de 2000, p.7). O jornal *The Toronto Star*, republicando o artigo de uma agência de notícias, relutantemente chama Moussambani de nadador: “a ponto de afundar, Eric espirra água [...] seus braços se debatem como uma pá de ventilador quebrada [...] Se houvesse um salva-vidas presente, ele provavelmente teria pulado na piscina” (ASSOCIATED PRESS, 19 de setembro de 2000, p. 11). A primeira página do *National Post* chamou Moussambani de “nadador sem talento”. Esse jornal também comparou seu tempo nos 100 metros livre (um minuto e 52,72 segundos) ao do vencedor dos Jogos Olímpicos de 1896 em Atenas, que nadou 30 segundos mais rápido em mar aberto (FOSTER, 20 de setembro 2000, p. 2). O cobertura em outros países foi semelhante. Na Grã-Bretanha, por exemplo, o *Sunday Times* referiu-se a Moussambani como um “afogado cheio de vigor” (TRUSS, 19 de setembro de 2000, p. 4) enquan-

to a agência de notícias o chamou de “herói acidental que se transformou em celebridade instantânea por nadar muito, muito devagar [...] Moussambani não desistiu e por isso o mundo está fazendo fila para cumprimentá-lo” (MAJENDIE, 21 de setembro de 2000, p. 8).

Moussambani, e em menor grau, Bolopa, que será discutida posteriormente, tornaram-se anti-heróis da mídia internacional e celebridades na cidade olímpica – mas eles continuaram sendo temas de piadas condescendentes entre a mídia, dirigentes esportivos e atletas. A assistente de produção de natação da *CBC* perguntou ao produtor se ela poderia fazer uma cópia da fita antes de eles mandarem as fitas para o arquivo e a central de produção: “Eric, minha lesminha – nós vamos precisar da fita para nos alegrar durante os próximos dias” (assistente de produção da *CBC*, 19 de setembro de 2000). Eric “o enguia” Moussambani, “o respingo de Sydney” (YOUNG, 21 de setembro de 2000, p. 7), foi transformado pela mídia canadense em anti-herói da piscina. De forma semelhante às críticas feitas por atletas e dirigentes esportivos aos chamados “turistas olímpicos”, como “Eddie, o águia” nas Olimpíadas de Inverno de Calgary em 1988, Moussambani e Bolopa também foram denunciados por vários atletas canadenses que achavam que a exceção feita à equipe da Guiné Equatorial, dispensando seus atletas de atingirem os índices de classificação, era injusta, e que seu desempenho na piscina “era um deboche” da dedicação e tempo de treinamento da equipe canadense e de sua aptidão técnica como nadadores¹⁴.

Mas Moussambani e Bolopa encaravam a competição com seriedade e queriam evitar críticas em seu país. Eles desejavam que suas famílias, amigos e seu país ficassem orgulhosos de sua primeira participação em uma Olimpíada. Moussambani foi colonizado pela experiência. Ele abraçou a cultura da natação de “nível internacional” em seu empenho para alcançar os níveis de excelência definidos por normas ocidentais de velocidade e técnica, passou a buscar patrocínio de empresas, a usar o esporte como veículo para entrar em universidade e construir uma vida melhor para si. Na Olimpíada de Sydney, ele procurou obter uma identidade de atleta de natação que é negada aos negros pela mídia e pelo imaginário popular. Ele distanciou-se da equipe de natação da Guiné Equatorial e tentou obter dicas de treinamento e tecnologia da natação dos melhores nadadores australianos, como Michael Klim. Depois da Olimpíada, ele mudou-se para Barcelona para treinar, reativando laços pós-coloniais da Guiné Equatorial com a Espanha através do Programa de

¹⁴ Três atletas da equipe de natação expressaram esses sentimentos para outros membros da equipe, durante uma recepção, 24 set. 2000.

Solidariedade Olímpica. Ainda assim, a reificação desse atleta como “enguia” pela cobertura da mídia nas Olimpíadas de 2000, e como “lesma” dentro da equipe de jornalismo da *CBC* foi uma forma redutiva de opressão para um nadador de um país subalterno nesse esporte. Nesse caso, o estereótipo racializado que mediou o *status* de celebridade de Moussambani não modificou as relações opressivas de poder mais amplas no movimento olímpico em relação a atletas de países pobres e/ou não-ocidentais, nem a falta de um sistema esportivo em seu país nem tampouco serviu para melhorar as precárias condições de vida de sua cidade e país.

Apesar da ampla gama de reações à prova solo de Moussambani por parte da equipe de cobertura de natação da *CBC* no Centro Internacional de Comunicações, os momentos de destaque dos Jogos Olímpicos gravados e exibidos pela *CBC* condensaram a gama de reações em um minidocumentário sobre um épico “extraordinário”. A equipe da central de produção da *CBC* reistoricizou a prova de Moussambani num segmento do programa *Olympic Magic* [Magia Olímpica]. Essa série promocional destacava diversos feitos olímpicos que iam acontecendo durante a Olimpíada de 2000 e era patrocinada pelo McDonald’s. A série *Olympic Magic* passou a ser exibida regularmente no dia seguinte à prova. Ela repetia uma história de empenho, paixão e espírito olímpico, e mitologizava o esforço de Moussambani usando foco suave, câmera lenta e música orquestral. “Durou uma eternidade. Ele estava sozinho. Ele nadou sozinho. Ele se superou sozinho – provando que o espírito olímpico não está apenas nos altos níveis, mas também na vontade de competir e dar o melhor de si – sob as luzes brilhantes – pura magia” (*CBC*, 20 de setembro de 2000). Brian Williams, o âncora da rede no horário nobre da cobertura da Olimpíada pela *CBC*, reconheceu que a falta de medalhas canadenses para nadadores e atletas competindo pelo Canadá em todos os outros esportes naquela altura dos Jogos, criou mais espaço para dar impulso à narrativa do “espírito dos Jogos”, ainda que o código da produção de esportes da rede preferisse a excelência atlética à participação. Mesmo que ele não acreditasse que Moussambani pudesse ser qualificado como atleta olímpico, Williams apreciou a história pelo interesse humano. Devido ao *status* da equipe do Canadá, a *CBC* usou o código do humanismo olímpico nesse segmento do McDonald’s para lembrar as pessoas de seu papel de cidadãos do mundo, membros apreciadores da humanidade e de hambúrgueres, e assim deslocou possíveis momentos de cosmopolitismo olímpico para uma identificação corporativa transnacional.

A Speedo, empresa norte-americana que não forneceu aos atletas participantes do Programa de Desenvolvimento Olímpico os maiôs Fastskin, conforme havia prometido à FINA e ao COI, usou a oportunidade para fazer com que o nadador mais lento do mundo se aperfeiçoasse. Depois de sua prova olímpica, a

Speedo deu a Moussambani um Fastskin azul para usar numa coletiva de imprensa no dia seguinte no *deck* da piscina, e mais tarde patrocinou um ano de treinamento na Europa até o Campeonato Mundial. No dia seguinte à sua prova na Olimpíada de 2000, Moussambani estava usando o novo maiô ao lado da piscina olímpica e mergulhou na piscina para demonstrar suas habilidades como nadador vestindo o maiô hidrodinâmico. Ele foi desafiado por um dos jornalistas para nadar contra ele, mas o embate não se concretizou. No dia anterior, ele havia se sentido muito orgulhoso por nadar 100 metros diante do público olímpico e declarou imediatamente depois da prova: “agora, quando eu voltar para casa, todo mundo vai saber quem eu sou. Vou pular e dançar a noite inteira para comemorar o meu triunfo pessoal” (19 de setembro de 2000, Moussambani, ao lado da piscina na zona mista da mídia). Mas na coletiva de imprensa, ele logo ficou constrangido com a atenção dada à sua técnica de nadador iniciante e ao ser lembrado por jornalistas que ele tinha feito a marca mais lenta nesta prova em toda a história olímpica (que foi imediatamente incluída na versão *on-line* do *Livro Mundial dos Records Guinness*). Moussambani foi instantaneamente imortalizado como o “nadador mais lento a vencer uma eliminatória nas Olimpíadas” em toda a história, por sua prova de 100 metros em 112,72 segundos. Respondendo a perguntas de Terry Baddoo, da *Cable News Network and Sports Illustrated (CNNSI)*, sobre a sua experiência olímpica na coletiva de imprensa, Moussambani declarou: “Foi boa e ruim”. Ele disse ao repórter, através de um tradutor: “Obviamente a fama é boa agora, mas a parte ruim é que eu não sei muito sobre natação. Então eu não gosto quando a atenção fica demais. Neste momento é tudo um pouco demais pra mim”. As tensões contraditórias de desejar reconhecimento como respeitado atleta olímpico da Guiné Equatorial, querer o patrocínio de uma empresa que promete marcas mais rápidas com o uso de seu produto transnacional e, ao mesmo tempo, sentir-se diferente, não-qualificado e diaspórico nos locais de competição e na zona da mídia eram esmagadoras.

Usando tradutores de francês nesse tumulto de jornalistas, repórteres do Canadá inglês, Estados Unidos, Japão e Austrália interrogaram Moussambani por tempo suficiente para descobrir que ele tinha começado a nadar apenas sete meses antes e treinava na piscina de um hotel depois que os hóspedes iam embora. Poucos jornalistas lembraram que ele havia carregado a bandeira de seu país ou pensaram em descobrir mais sobre as circunstâncias de sua equipe, suas identificações pessoais com a experiência e os saberes que ela produzira, ou o papel das Olimpíadas na construção da nação para a Guiné Equatorial. Ser visto significaria a mudança de uma posição não-reconhecida de subalternidade e passar a ser cidadão de um estado-nação competindo nos Jogos Olímpicos. Ele desejava identificações cos-

mopolitas nacionais e transnacionais. Ele buscava reconhecimento como cidadão da Guiné Equatorial e como atleta completo e ser humano no palco mundial¹⁵.

A gama de discursos concorrentes em torno da colega de equipe de Moussambani, Paula Barila Bolopa, foi explicitamente condensada através de discursos generificados e racializados. Ela prontamente foi descartada como africana e como mulher não-atlética¹⁶. Algumas reportagens mesclavam imagens racistas da África com histórias fictícias de Paula “nadando com crocodilos” e com comentários sexistas sobre a atleta tentando manter a sua touca de natação seca. Paula Barila Bolopa nadou numa eliminatória dos 50 metros livre contra competidoras da Malásia e de Bahrain, após o que o jornal *National Post* publicou um artigo com a manchete, “Conheça a irmã mais lenta de Eric, o Enguia, sem os crocodilos”. A história incluía um protetor colonial, um homem, ajudando-a na sua jornada para as Olimpíadas:

A piada no Olympic Park, obviamente, é que Eric e Paula precisam estar acompanhados de salva-vidas. Eric o Enguia continua sendo a melhor história desta Olimpíada – Eddie o Águia e a equipe jamaicana de trenó reunidos num só – por seu calção largo frouxo, seu

¹⁵ Depois das Olimpíadas de 2000, Moussambani foi para a Espanha treinar com um técnico de elite que ele conheceu nos Jogos. Os prolongados laços pós-coloniais com a Espanha criaram a única oportunidade para Moussambani perseguir uma carreira internacional na natação. Ele foi treinar em Valência, na Espanha, coseguobteveu patrocínio da Speedo, a empresa que não cumprira sua promessa à FINA de fornecer maiôs Fastskin para todos os nadadores da Olimpíada. Moussambani foi levado numa tournée de autógrafos na Europa depois da Olimpíada de Verão de 2000. Ele não competiu na Olimpíada de Atenas, apesar de um abaixo-assinado internacional pela internet porque o Comitê Olímpico de seu país perdeu sua fotografia e não encaminhou sua inscrição aos organizadores da Olimpíada em tempo hábil.

As equipes da *CBC* não concederam a Moussambani o status de nadador, mas seu corpo musculoso foi admirado pelos membros da equipe como o de um atleta em potencial, paradoxalmente reforçando o mito “atleta natural negro”. Mesmo que não estivesse competindo usando um Fastskin como os atletas de elite, ele foi capaz de exibir códigos de masculinidade marcados em seu corpo que outros nadadores não puderam fazer. Por outro lado, a equipe considerou Bolopa “atarracada”. A equipe reclamou que os novos maiôs Fastskin da Speedo cobriam o corpo inteiro da maioria dos atletas: “A natação não é mais um evento sexy das Olimpíadas, como era antes”, lamentou o editor de VT da *CBC* (19 set. 2000).

¹⁶ As equipes da *CBC* não concederam a Moussambani o *status* de nadador, mas seu corpo musculoso foi admirado pelos membros da equipe como o de um atleta em potencial, paradoxalmente reforçando o mito “atleta natural negro”. Mesmo que não estivesse competindo usando um Fastskin como os atletas de elite, ele foi capaz de exibir códigos de masculinidade marcados em seu corpo que outros nadadores não puderam fazer. Por outro lado, a equipe considerou Bolopa “gorducha”. A equipe reclamou que os novos maiôs Fastskin da Speed cobriam o corpo inteiro da maioria dos atletas: “A natação deixou de ser um dos eventos sexy das Olimpíadas, como era antes”, lamentou o editor de VT da *CBC* (19 set. 2000).

estilo descontrolado, se debatendo na água, não apenas fazendo o tempo mais lento da história, mas também admitindo que poderia ter se afogado nos 15 metros finais, não fosse o incentivo da torcida. [...] Paula, 18 anos e desesperadamente tímida, supostamente treina em rios perigosos, com um tipo a la Humphrey Bogart, de pé na proa do barco que a acompanha, com uma espingarda na mão para afastar os crocodilos... Se a Olimpíada tivesse uma prova de nado cachorrinho, ela poderia ter tido uma chance, mas quase que instantaneamente ela ficou tão para trás que nem conseguia enxergar a menina de 12 anos [Famema Gerashi do Bahrain] – mesmo que nadasse com a cabeça tão fora d'água que parecia estar com medo de molhar a sua touca nova... Ela se debatia... É óbvio que, como diziam os boatos, Paula não é, nem de longe, um peixe como Eric (MACGREGOR, 22 de setembro de 2000, p. 5).

Apesar de ambos Moussambani e Bolopa terem prontamente admitido ser nadadores iniciantes nas Olimpíadas de 2000, eles eram, ainda assim, atletas olímpicos que não queriam ser ridicularizados ao voltar para casa. Com lembranças e sentimentos de exaltação ainda recentes por ter carregado a bandeira de seu país na cerimônia de abertura, eles sentiam que sua participação nas cerimônias e eventos os constituíam como atletas olímpicos. No entanto, na vila olímpica, nos locais de competição de natação e nas zonas da mídia, as tensões diaspóricas da breve primeira visita a uma cultura estrangeira – vislumbrando uma diversidade de culturas mundiais, a riqueza do mundo capitalista na Austrália, a celebração dos produtos das empresas transnacionais, a vivência de cerimônias emocionantes, e escutando uma cacofonia de idiomas – foram confundidas pela inesperada atenção da mídia e pelas pressuposições racistas sobre a África às quais eles foram submetidos em Sydney. “Não”, Bolopa admoestou a mídia da zona mista após sua estréia olímpica na piscina, “Eu não nado com crocodilos. Essa história é uma invenção” (idem, *ibidem*). Terminando em último lugar entre as setenta e três nadadoras de sua prova, ela foi apelidada de “*Paula, the Crawler*” [Paula, a rastejante] por alguns atletas canadenses, *websites* de membros do público e pela mídia britânica. Bolopa não buscou mais atenção, como fez Moussambani através de seu próprio *website*, da *tournee* de autógrafos e de outros eventos promocionais. Ela resistiu, contrariada, às identificações genericadas e racistas que a mídia construiu em relação a ela: elas afetaram profundamente suas experiências e sua auto-estima em relação a outros nadadores e aos diversos países que eles representavam.

A falta de pesquisa sobre as histórias de vida dos atletas de nações oprimidas por parte da mídia esportiva canadense e de outros países ocidentais levou a mídia a recorrer a estereótipos reificados e racializados. Os estereótipos, argumenta Stuart Hall,

tomam as características “simples, vívidas, memoráveis, fáceis de apreender e amplamente reconhecidas” de uma pessoa, reduzem tudo sobre a pessoa a esses traços, exageram

e simplificam-nos, e fixam-nos para toda a eternidade sem mudanças ou evolução... O estereótipo reduz, essencializa, naturaliza e fixa a "diferença" [...] o estereótipo tende a ocorrer onde há graves desigualdades de poder (1997, p. 258-259).

O contexto social, econômico e político dentro do qual os cidadãos da Guiné Equatorial vivem sua vida, vivenciam o esporte e suas aspirações não foi explorado pela mídia durante nem após as Olimpíadas de 2000. A complexidade de suas identificações nos Jogos, de seu país e de suas múltiplas afiliações, foi achatada quando o contexto mais amplo e as especificidades locais das vidas dos atletas foram ignorados¹⁷. Os atletas simplesmente foram apresentados na cobertura da mídia como um pequeno e miserável contingente de jovens e destreinados atletas e não-nadadores inaptos de um país do oeste africano. A atenção inesperada dedicada a esses nadadores iniciantes nas Olimpíadas obrigou os jornalistas, que esperavam produzir "glória, orgulho e histórias de excelência técnica da equipe de natação canadense" (editor de VT, 20 de setembro de 2000) a recorrer a um estoque de códigos definidores daquilo que merece ser noticiado e a estereótipos esportivos quando a vitória canadense nas piscinas não se concretizou. Bolopa e Moussambani eram nadadores iniciantes, mas não eram não-nadadores; entretanto o persistente

¹⁷ A República da Guiné Equatorial é um país com graves desigualdades de poder. A GEQ tornou-se independente da Espanha em 1963, e seu território inclui parte do centro e do oeste do continente africano e também ilhas no Golfo da Guiné. Originalmente habitada por pigmeus, o grupo étnico Fang desalojou a maioria dos habitantes da parte continental do país no século XVII. Os portugueses chegaram em 1472 e controlaram o território até 1778, quando os espanhóis conquistaram a possessão (*Nation by Nation*, 2005). Espanhol e francês são as línguas oficiais desta antiga colônia espanhola, mas apenas 2% da população fala esses idiomas. A maioria dos habitantes fala um idioma Bantu da população Fang. O inglês *pidgin*, chamado de "pichinglis" também é falado. Protestantes, muçulmanos e crenças tribais/pagãs formam minorias religiosas, e 89% da população é católica (*ATLAPEDIA*, 2005). A GEQ, de acordo com o Banco Mundial, tem uma das economias de crescimento mais rápido da África, depois da descoberta de grandes reservas de petróleo no meio da década de 1990 (*BANCO MUNDIAL*, 2005). Os principais parceiros comerciais da GEQ são a Espanha, a Alemanha, a Itália e a Holanda. Os principais produtos de exportação são banana, café, petróleo e madeira. O país tem baixos índices de qualidade de vida: 109/177 países com os mais baixos índices de desenvolvimento de acordo com o Banco Mundial porque a expectativa de vida continua baixa, em 49,1 anos, a mortalidade infantil é alta a 101 óbitos para cada 1000 nascimentos, 56% da população não tem acesso à água tratada, o número de casos de malária e HIV/Aids é alto, e apenas uma pequena parte da população tem acesso aos sistemas de comunicações e à mídia (*BANCO MUNDIAL*, 2005). Os direitos humanos no país são amplamente desrespeitados. O sistema de governo da GEQ é uma República unitária multipartidária, mas o partido do presidente, o Partido Democrático da Guiné Equatorial controla tanto o judiciário quanto o legislativo. Além disso, a liberdade de expressão e de imprensa é limitada, o trabalho infantil e o tráfico de pessoas são permitidos, a violência contra as mulheres é tolerada, e as forças de segurança fazem prisões e detenções arbitrarias (*Nation by Nation*, 2005).

estereótipo de que “negros não sabem nadar” foi naturalizado e mantido em circulação. A estereotipificação é uma prática de significação mediada por pressupostos reducionistas racistas e sexistas sobre identificação, caráter, aptidões e relações de poder. Conforme argumenta Stuart Hall, os “traços” essencializantes dos estereótipos reduzem determinadas pessoas e identificações a elas associadas a algumas poucas características simplificadas, ou seja, são reducionistas, constroem o “outro”, excluem e fetichizam (1997). Os programas produzidos pela mídia olímpica são árbitros de significados. Nas Olimpíadas de 2000 os trabalhadores da mídia canadense que cobriam a Olimpíada se empenharam em fazer com que determinados estereótipos de gênero e raça colassem em determinados grupos de atletas. Esses estereótipos não apenas colaram: eles mediaram as relações entre atletas, mídia e público, e se concretizaram nas experiências dos atores sociais no local. Os estereótipos empregados durante as relações de trabalho e a produção de representações da natação olímpica envolveu a simplificação de uma ampla gama de identificações, características, valores, aptidões, histórias e possibilidades em uma estreita significação. As estruturas de significação impostas, principalmente quando velhos estereótipos sobre o desportismo negro foram renovados, tenderam a naturalizar dualismos binários, tais como características esportivas femininas *versus* masculinas, aptidão aquática dos negros *versus* dos brancos, e a preparação esportiva assistemática em países pobres e em desenvolvimento *versus* sistemas esportivos racionalizados em países ricos e desenvolvidos. É claro que os estereótipos desempenham papel fundamental na organização do discurso hegemônico, nas identificações racializadas (HALL, 1997) e nas (re)imaginações de comunidades e pertencimento.

CONCLUSÃO

A identidade – ou melhor, a identificação – continua sendo um termo teórico, cultural e político que merece atenção. Gênero, raça, nacionalidade e outras identificações são formações discursivas que são suturadas historicamente e disputadas culturalmente. Elas têm, conforme alegam Mohanty (1997, 2000) e Moya (2000), *status* epistêmico em comunidades reais. Identificações nacionais, por exemplo, como demonstra este estudo de caso, são mediadas por outras identificações, mas continuam a dominar as disputas representacionais de produtores de mídia, atletas e outros atores em grandes eventos esportivos. As zonas de produção de mídia esportiva passaram a ser importantes locais para a (re)produção cultural e a corporificação contestada de várias identificações que têm importância epistêmica naquela conjuntura histórica. As intersecções entre as identificações da equipe na-

cional, corporalizadas, generificadas e racializadas dentro de relações desiguais foram destacadas nesta análise etnográfica e textual da mídia sobre a formação e a negociação da identidade. Ao mesmo tempo em que sempre existe o risco de qualquer categoria de identificação ser acatada de tal forma que assuma fundamentos essencialistas, como fez a mídia em torno de noções racializadas de aptidão atlética aquática nas Olimpíadas de Sydney, a identificação continua sendo um importante conceito em nossa área. Ignorar a identificação é ignorar um importante aspecto mediador da agência humana, da corporalização e das relações sociais que pode, dependendo das circunstâncias, ter conseqüências positivas ou opressivas. Várias formas de identificações cruzadas continuam a ter efeitos reais e relevância em contextos esportivos e em lutas políticas dentro e em volta desses contextos.

Concluindo, o realismo pós-positivista pós-colonial pode ajudar a reconceitualizar a identidade como relacional, produtiva, fundamentada em categorias historicamente construídas e estabelecida dentro de condições sociais e materiais específicas. Ao contrário de descartar a identidade como conceitualmente obsoleta e base problemática para a ação política, a re teorização da identificação continua sendo um projeto que merece ser desenvolvido por grupos sociais e acadêmicos. Para que os estudos críticos do esporte e da mídia possam avançar, é necessário que os estudos sobre identificação e representação dediquem mais atenção aos locais, às práticas e relações de lutas discursivas entre produtores, atletas e público, e também que levem em consideração as estruturas socioeconômicas e políticas mais amplas que afetam a identificação. É preciso que sejam realizadas mais pesquisas sobre o hibridismo das identificações dos atletas condensadas pelas relações e representações da mídia esportiva, particularmente através de estratégias enunciativas como os processos de reificação. Isso auxiliará a pesquisa a avançar para além da discussão sobre a naturalização de pressuposições de caráter racial, gênero e habilidade esportiva, estereótipos de identificação nacional e outras identificações. Etnografias da mídia esportiva, explorando as intersecções dessas identificações e considerando as mesclas históricas e sociais podem ajudar a desmistificar simplificações estereotípicas da vida cultural e suas reais implicações para aqueles a quem são designadas essas identificações. Entender os processos e as implicações da identificação pode também ajudar os estudiosos a contribuir para a luta política através da pesquisa aplicada. Entre as iniciativas deste projeto de pesquisa, estão, por exemplo, intervenções na política de comunicações: a) oferecendo um novo protocolo de comunicações para os relações públicas da equipe nacional; b) sugerindo matérias para jornalistas e categorias alternativas de pesquisa de produção; c) oferecendo educação crítica em comunicação e oficinas de treinamento para atletas e técnicos para lidar com a mídia, indo além do atual foco nas relações

corporativas da mídia; d) facilitando o diálogo entre mídia esportiva, atletas, organizadores esportivos e potenciais públicos marginalizados; e) oferecendo estratégias a grupos de advocacia de atletas para criar oportunidades mais igualitárias e justiça social em todos os níveis do esporte. Ainda que a consideração da identificação não seja, por si só, suficiente para promover mudanças políticas, a identificação não é um termo obsoleto.

Sport media studies and (re)producing identities

ABSTRACT: "Identity" is one of the most disputed notions in many fields of study. Ironically, while identity is considered by many to be an obsolete term under erasure, identity remains a salient issue and organizing principle in sporting environments. Responses to issues of identity have varied from explicit identity-based political struggle organized to redress inequality to non-identarian challenges by postmodern theorists whom criticize essentialist identity-based movements for the pernicious reproduction of inequality along various axes of power. Within these paradoxical developments, a middleground postcolonial postpostivist realist (PPR) approach has emerged since the late 1990s to recover understandings of experience, social location, material conditions, and the grounded salience accorded to identity by individuals and groups. In this paper Sayta Mohanty and Paula Moya PPR approach is adapted using Stuart Hall notion of identification and Benedict Anderson notion of nation as an imagined community to ethnographically explore a sport media case study of the negotiation of national and racialized athletic identifications associated with swimmers from Equatorial Guinea by the Canadian Broadcasting Corporation during the 2000 Summer Olympics. Identifications are found to be relational, contingent, performative, and productive and therefore continue to have political salience and material impact on people at sites of sport media production and competition. Non-essentialist approaches to identity studies are argued to be theoretically and politically useful but in need of further development.

KEY-WORDS: Sport; media; identity.

Los estudios de los medios de comunicación del deporte y la (re)producción de identidades

RESUMEN: La identidad es una de las nociones más discutidas en los distintos campos académicos, incluyendo la teoría literaria, el psicoanálisis, el postestructuralismo, el posmodernismo, el poscolonialismo, el feminismo, la teoría queer, los estudios culturales y los estudios críticos del deporte. A la vez que la identidad es considerada por muchos un término obsoleto sous rature (bajo el raso), el tema de la identidad sigue siendo un tema relevante y un principio organizador en ambientes deportivos. Las respuestas a las cuestiones de identidad van desde luchas fundamentadas en la identidad a fin de corregir

(continua)

las desigualdades, como el abordaje feminista de los estudios del deporte y de la abogacía del deporte, hasta los retos no identitarios puestos por críticos posmodernos, que condenan movimientos esencialistas que, basándose en la identidad, reproducen perniciosamente la desigualdad al largo de distintos ejes del poder. En medio a esos despliegues contradictorios, surge desde los años de 1990, un abordaje intermedio poscolonial, pospositivista realista (PPR) para rescatar interpretaciones de experiencia, de ubicación social, de condiciones materiales y de la aplicación política que las personas y grupos confieren a la identidad. En este artículo el abordaje PPR, de Sayta Mohanty y Paula Moya es adaptado, utilizando la noción de identificación de Stuart Hall y la noción de nación como "comunidad imaginada", de Benedict Anderson para explorar etnográficamente un estudio de caso de los medios de comunicación deportiva de la negociación de identificaciones atléticas nacionales y de raza asociadas a nadadores de la Guiné Ecuatorial por la Canadian Broadcasting Corporation durante las Olimpiadas de Verano de 2000. Se constata que las identificaciones son relacionales, contingentes y productivas, y de esa manera siguen teniendo relieve político e impacto real sobre las personas en los sitios de producción de medios de comunicación deportiva y de competición. Se argumenta que los abordajes no esencialistas a los estudios de identidad son teórica y políticamente importantes, pero necesitan estudios más profundos.

PALABRAS CLAVES: Deporte; medios de comunicación; identidad.

REFERÊNCIAS

ABDEL-SHEHID, G. *Who da man? Black masculinities and sporting cultures*. Toronto: Canadian Scholar's Press, 2005.

ALCOFF, L. M. Who is afraid of identity politics?, In: MOYA; HAMES-GARCIA (Orgs.). *Reclaiming identity: realist theory and the predicament of postmodernism*. Berkeley: University of California Press, 2000. p. 312-344.

ANDERSON, B. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 1983.

_____. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. 2. ed. London: Verso, 1991.

ANDREWS, D.; JACKSON, S. (Orgs.). *Sport stars: the cultural politics of sporting celebrity*. London: Routledge, 2001.

ASSOCIATED PRESS. Moussambani. *The Toronto Star*, Toronto, p. 11, 19 Sep. 2000.

ATLAPEDIA. Republic of Equatorial Guinea. 2005. Disponível em: <<http://www.atlapedia.com/online/countries/equaiuin.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2005.

- BALE, J.; CHRISTENSEN, M. K. *Post olympism? Questioning sport in the twenty-first century*. New York: Berg, 2004.
- BECK, U. The cosmopolitan society and its enemies. *Theory, culture and society*, Illinois: Sage Publications, v. 19, p. 17-44, 2002.
- BERNSTEIN, A. Things you can see from there you can't see from here: globalization, media and the Olympics. *Journal of sport and social issues*, Illinois, v. 24, n. 4, p. 351-369, 2000.
- BHABHA, H. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BRAY, M. E. Reification. In: PAYNE, Michael (Org.). *A dictionary of cultural and critical theory*. Malden, Mass.: Blackwell, 1996, p. 459.
- BROWN, W. *States of inquiry: power and freedom in late modernity*. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- BRUCE, T.; HALLINAN, C. (Orgs.). Cathy Freeman: The Quest for Australian Identity. In: ANDREWS; JACKSON (Orgs.). *Sport stars: the cultural politics of sporting celebrity*. London: Routledge, 2001, p. 257-270.
- BUTLER, J.; SCOTT, J. *Feminists theorize the political*. New York: Routledge, 1992.
- CALHOUN, C. *Nationalism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- CARRINGTON, B. Cosmopolitan Olympism, humanism, and the spectacle of "Race". In: BALE; CHRISTENSEN (Orgs.). *Post-Olympism? Questioning sport in the twenty-first century*. New York: Berg, 2004, p. 81-97.
- COLE, C. L.; ANDREWS, D. L. The nation reconsidered. *Journal of sport and social issues*, Illinois, v. 26, n. 2, p. 123-125.
- DERRIDA, J. *Positions*. Chicago: Chicago University Press, [1971], 1981.
- DURKHEIM, E. *The division of labour in society*. Basingstroke, UK: Macmillan, [1893], 1984.
- EDGAR, A.; SEDGWICK, P. *Cultural theory: the key concepts*. London: Routledge, 1999.
- ERIC MOUSSAMBANI. In: *Guinness World Records*. Disponível em: <http://www.guinnessworldrecords.com/content_pages/record.asp?recordid=56613>. Acesso em: 8 fev. 2005.
- FOSTER, P. Talentless swimmer receives big ovation for show of heart. *National Post*, p. A1-2, 20 Sep. 2000.
- FOUCAULT, M. *The order of things*. London: Tavistock, 1970.
- GILROY, P. *The black Atlanta: modernity and double consciousness*. London: Verso, 1993.

- GOFFMAN, E. *The presentation of self in Everyday Life*. Harmondsworth: Penguin, 1959.
- GROSSBERG, L. Identity and cultural studies: is that all there is? In: S. HALL; GUY (Orgs.). *Questions of cultural identity*. London: Sage, 1991. p. 87-107.
- GRUNEAU, R. Commercialism and the Modern Olympic Games. In: TOMLISON; WHANNEL (Orgs.). *Five ring circus: money, power and politics at the Olympic Games*. London: Pluto Press, 1984. p. 1-15.
- HALL, S. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD (Org.). *Identity: community, culture and difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-237.
- _____. The question of cultural identity. In: HALL (Org.). *Modernity*. London: Blackwell, 1996.
- _____. Introduction: who needs identity. In: HALL; GAY (Orgs.). *Questions of cultural identity*. London: Sage, 1991, p. 1-17.
- _____. *Representation: cultural representations and signifying practices*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.
- HUME, D. *Enquiries concerning human understanding and concerning the principals of morals*. Oxford: Clarendon Press, 1978.
- KIDD, B. *The struggle for Canadian Sport*. Toronto: University of Toronto Press, 1996.
- MACINTOSH, D.; BEDECKI, T.; FRANKS, C. E. S. *Sports and politics in Canada: Federal Government Involvement since 1961*. Montreal/Kingston: McGill-Queen's University Press, [1987], 1994.
- MACINTOSH, D.; WHITSON, D. *The Game Planners: transforming Canada's Sport System*. Montreal/Kingston: McGill-Queen's University Press, 1990.
- MACNEILL, M. Networks: producing olympic ice hockey for a national television audience. *Sociology of sport journal*, n. 13, p. 103-24, 1996.
- MACNEILL, M.; DONNELLY, P.; KNIGHT, G. Corporate training: identity construction, preparation for the Sydney Olympic Games and relationships between canadian media, swimmers and sponsors. *Olympika*, v. X, p. 1-32, 2001.
- MACGREGOR, R. Meet Eric the Eel's Slower Sister, Minus the Crocs, *National Post*, Vancouver, p. B5, 22 Sep. 2000.
- MAGENDIE, P. Eric the eel become unlikely hero at Sydney Games. *Reuter's*, URLS, retrieved 21 Sep. 2000.
- MEAD, G. H. *Mind, self and society*. Chicago: Chicago University Press, 1934.

- MOHANTY, S. *Literary theory and the claims of history: postmodernism, objectivity, multicultural politics*. Ithaca: Cornell University Press.
- MOHANTY, S. The epistemic status of cultural identity. In: MOYA, P. M. L.; HAMES-GARCIA, M. (Orgs.). *Reclaiming identity: realist theory and the predicament of postmodernism*. Berkeley: University of California Press, 2000. p. 29-66.
- MORGAS, M.; RIVENBURGH, N. Television and Olympic Ceremonies. In: MORAGAS; MACALOOON; LLINÉS (Orgs.). *Olympic Ceremonies: historical continuity and cultural exchange*. Lausanne: International Olympic Committee, 1996. p. 309-331.
- MORAGAS, M.; RIVENBURGH, N.; LARSON, J. *Television in the Olympics*. London: John Libbey & Company, 1995.
- MOYA, P. M. L. Introduction: Reclaiming identity. *Cultural logic*, v. 3, n. 2. Disponível em: <<http://eserver.org/clogic/3-1&2/moy.html>>. Acesso em: 12 Feb. 2005.
- NATION BY NATION. Equatorial Guinea. Disponível em: <<http://www.nationbynation.com/equatorialGuinea/links.html>>. Acesso em: 7 May 2005.
- ÖZKIRIMLI, U. *Theories of national: a critical introduction*. New York: St. Martin's Press, 2000.
- ROWE, D. *Sport, culture and the media: the Unruly Trinity*. Buckingham: Open University Press, 1999.
- ROWE, D. Sport and the repudiation of the global. *International review for the sociology of sport*, v. 38, n. 3, p. 281-294, 2003.
- ROWE, D.; MCKAY, J.; MILLER, T. Come together: sport, nationalism, and the media. In: WENNER (Org.). *MediaSport*. London: Routledge, 1998, p. 119-133.
- SAID, E. *Orientalism*. London: Routledge, 1978.
- SILK, M. Together we are one? The "place" of the Nation in media representations of the 1998 Kuala Lumpur Commonwealth Games. *Sociology of sport journal*, v. 18, p. 277-301, 2001.
- SILK, M. L.; ANDREWS, D. L.; COLE, C. L. Corporate nationalisms? The spatial dimensions of sporting capital. In: SILK, D. L.; ANDREWS; COLE (Orgs.). *Sport and corporate nationalisms*. Oxford: Berg, 2005. p. 1-12.
- STEENVELD, L.; STRELITZ, L. The 1995 Rugby World Cup and the politics of nation-building in South Africa. *Media, culture & society*, v. 20, n. 4, p. 609-629, 1998.
- TOMLINSON, A. Olympic spectacles: opening ceremonies and some paradoxes of globalization. *Media, culture and society*, v. 18, n. 4, p. 583-602, 1996.

TRUSS, L. The world – and Eric – hold their breaths. *The Sunday Times*. Disponível em: <<http://www.times-olympics.co.uk/indexreport57>>. Acesso em: 19 Sep. 2000.

WILLIAMS, B. *Interview with CBC 2000 Olympics primetime anchor*. Toronto: Canadian Scholar's Press, 2005.

YOUNG, P. Eric the Eel – The Splash of Sydney. *National Post*, p. 07, 21 Sep. 2000.

WORLD BANK. Equatorial Guinea. Disponível em: <<http://web.worldbank.org>>. Acesso em: 7 May 2005.

Recebido: 25 jan. 2006

Aprovado: 14 maio 2006

Endereço para correspondência

Margaret MacNeill

55 Harbord Street,

Toronto, ON, Canada

M5S 2W6